

VISÃO DO CORREIO

Juros nas alturas sufocam economia

Como esperado por todo o mercado financeiro, o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, aumentou em um ponto percentual a taxa básica de juros (Selic), para 11,75% ao ano. Foi a nona alta consecutiva, e o BC já avisou que o arrocho ainda está longe do fim. Não por acaso, há quem se arrisque a dizer que a Selic baterá nos 14%, um choque monumental para a atividade econômica, que anda bastante fragilizada. Esse é o preço a pagar pela disparada da inflação, agora pressionada pelos impactos da guerra entre a Rússia e a Ucrânia.

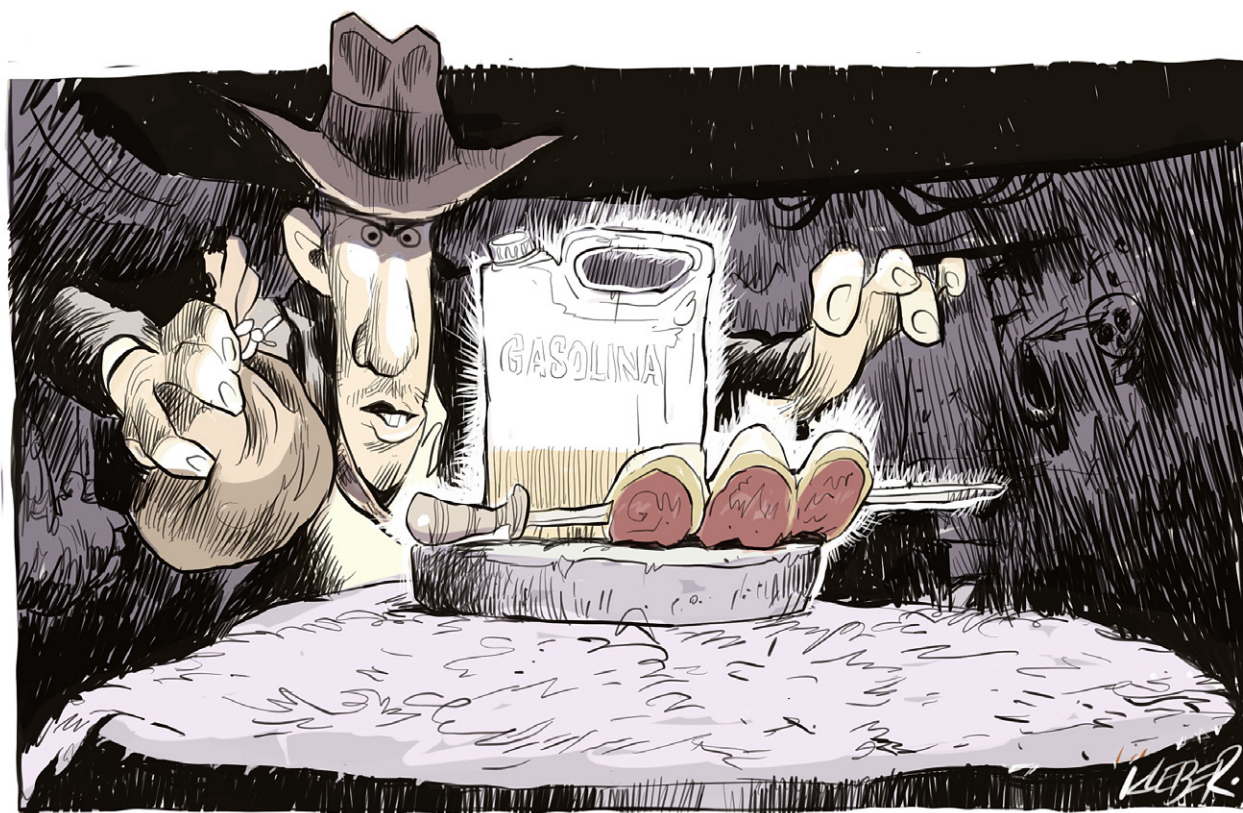
Mais juros significam menos produção e consumo. Portanto, aumentou consideravelmente o risco de a economia brasileira mergulhar em uma nova recessão. Os juros reais, que descontam a inflação, são o principal termômetro para as decisões de negócios. Quanto mais elevados, piores as condições financeiras para que empresários se sintam motivados a ampliar fábricas e lojas e a contratar mão de obra. Esse indicador saltou para 7,1% anuais, superando de longe o observado no segundo mandato de Dilma Rousseff (4,8%). Hoje, os juros reais no Brasil só são menores do que os 30% registrados na Rússia, que enfrenta sanções econômicas sem precedentes por ter invadido a Ucrânia.

O Banco Central afirma que o quadro econômico atual é desafiador, sobretudo por causa do ambiente externo, que se deteriorou substancialmente. Ressalta, ainda, que a inflação ao consumidor, que passa dos 10% ao ano, segue surpreendendo negativamente e tende a ficar ainda mais pesada por causa da disparada dos preços dos combustíveis. Tais constatações enterram de vez as perspectivas de recuo do custo de vida a partir de abril, como havia previsto a autoridade monetária. Também afastam as chances de a economia respirar, como deseja a população, que sofre com o desemprego e com as dificuldades para pôr comida na mesa — quase 120 milhões de brasileiros vivem em insegurança alimentar.

É louvável que o BC esteja cumprindo exatamente a sua missão, que é a de levar a inflação para as metas definidas em lei — neste ano, está em 3,5%, podendo chegar a 5%. Mas se deve ressaltar que exageros na dose de medicação podem matar o paciente. Há exato um ano, a taxa Selic estava em 2%. Ou seja, nesse período, subiu 9,25 pontos percentuais. Nunca se viu, desde a adoção do regime de metas de inflação, em 1999, um aperto monetário tão forte em ciclos de aumento de juros. Daqui por diante, a instituição terá de ser ainda mais cautelosa para não passar dos limites.

O Brasil precisa voltar a crescer com segurança. E, independente, o Banco Central está dando a sua contribuição. Porém, é importante que o governo como um todo aja no sentido de criar um ambiente favorável aos investimentos produtivos, que pedem previsibilidade, tudo que falta no quadro atual. De olho da reeleição do presidente Jair Bolsonaro, o Palácio do Planalto insiste em tumultuar o ambiente com a proposição de medidas populistas, que podem prejudicar o frágil regime fiscal. O próprio chefe do Executivo mantém o ambiente político tensionado, agora, ameaçando intervir na Petrobras por causa do mega-aumento dos preços da gasolina, do diesel e do gás de cozinha. Os outros pré-candidatos também não contribuem para amenizar a tensão, indicando posições equivocadas na seara econômica, como o petista Lula, líder das pesquisas.

Passou da hora de o país entrar nos eixos. Não é mais possível que os governantes de plantão se contentem com resultados medíocres na economia. Na última década, o avanço médio do Produto Interno Bruto (PIB) foi de mirrado 0,3% ao ano. Daí a razão de um dos maiores produtores de alimentos do mundo ter voltado ao mapa da fome. É um retrocesso inaceitável. O Brasil necessita de inflação e juros civilizados e crescimento consistente por um longo período. Outubro é logo ali.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Reconhecimento

O Ministério da Justiça decidiu conceder a Medalha do Mérito Indigenista ao presidente Jair Bolsonaro. Não foi só um ato de puxa-saquismo do titular da pasta, que, com certeza, tem pouco ou nada a fazer à frente do cargo que ocupa. O ato foi entendido como deboche e um escárnio. A sociedade brasileira e o planeta sabem que Bolsonaro nutre profundo ódio em relação aos povos originários. No passado, ele chegou a elogiar a política norte-americana de dizimação dos indígenas naquele país e lamentou que o mesmo não tenha ocorrido no Brasil. Na campanha eleitoral de 2018, foi explícito ao avisar que não demarcaria um centímetro de terra dos territórios indígenas. Eleito, deu a espantosa declaração de que os indígenas estão cada vez mais “parecidos” com os seres humanos. Ele não reconhece os povos originários, os povos tradicionais, os negros, as mulheres, e os pobres, os LGBTQIA+. As mortes de crianças pela covid-19, para ele, foram “insignificantes”. Assim, como ele, há um elevado percentual da população brasileira que o reconhece como tragédia, genocida, homofóbico, misógino, racista, oparofóbico, necropolítico, entre outros títulos que bem lhe poderiam ser concedidos pelo seu exímio desempenho, na condução de políticas públicas retrógradas e que lhe asseguram o título de “pior” presidente da República desde a redemocratização do país.

» **Giovanna Gouveia,**
Águas Claras

Combustível

Uma das consequências do conflito russo-ucraniano é a elevação dos preços do petróleo, implicando no encarecimento da gasolina. Entretanto, não consta que há conflito no Brasil, em especial nas regiões produtoras de cana-de-açúcar e milho, matérias primas do etanol. Um dia desses um amigo comentava sobre a malandragem e má-fé dos postos de combustíveis que, sorrateiramente, vem elevando os preços do etanol. De fato, o preço do álcool explodiu (sem qualquer razão, pois não há nexos causal entre a guerra e esse aumento) e ninguém reclamou. Penso ser necessária a urgente interferência do governo e do Ministério Público no assunto. E se possível, colocar gente na cadeia.

» **Milton Córdova Junior,**
Vicente Pires

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O ministro da Justiça vai processar, cancelar e censurar o Lobo Mau por que ele gosta de comer os Três Porquinhos.

Ludovico Ribondi — Noroeste

Rússia e Ucrânia não conseguem fechar acordo de paz. Contradições profundas de uma guerra insana.

José Matias-Pereira — Lago Sul

Não é deboche nem escárnio. O capitão merece a medalha Mérito (anti) Indigenista pelo seu empenho para agradar a elite com a eliminação dos povos indígenas.

Joaquim Honório — Asa Sul

Afeto

O afeto é um conceito que, na filosofia, foi concebido inicialmente por Baruch Spinoza (1632-1677) e posteriormente reinterpretado pelos franceses Gilles Deleuze (1925-1995) e Félix Guattari (1930-1992). Spinoza definia o afeto como um estado da alma. Um sentimento. E dividia os afetos em três categorias: o desejo, o prazer e a dor. Para tais filósofos, em síntese, o afeto corresponde a uma mudança que ocorre simultaneamente no corpo e na mente, transformando-nos. O afeto nos mobiliza e nos faz diferentes do que éramos antes de senti-lo. Não somos os mesmos depois dele. Ele nos impacta e aumenta ou diminui nossa vontade de agir. O afeto nos muda, nos move. O afeto é um sentimento que transcende a individualidade. Ninguém o sente isolado, sozinho. O afeto implica afetar ou ser afetado. Nasce quando há encontro, diálogo. E é impreterivelmente transformador. Mas atenção: o afeto não nos faz obrigatoriamente melhores. Ele nos desloca, apenas. As colocações acima mencionadas, nos leva a deduzir, que a nossa sociedade está doente, e a enfermidade é da ordem dos afetos. Falta saber se nosso estado é terminal ou se há antídoto para esse mal. Sejamos afetuosos!

» **Renato Mendes Prestes,**
Águas Claras

Consumidor

Estamos comemorando a Semana do Consumidor mas, infelizmente, a Lei do SAC, e muitas outras, não vem sendo respeitada. É preciso uma ação urgente

do MP, da Senacon, do Procon e de tantos órgãos que deveriam proteger o consumidor. Com a desculpa da pandemia, algumas empresas (aéreas, seguradoras, bancos etc.) demoram mais de 1 hora para atender o consumidor. Aproveitem da pandemia para diminuir custos e praticar crimes contra o consumidor. Semana passada, fiquei 80 minutos na rua tentando acionar o seguro. Pode isso? Algumas criaram o atendimento insuportável virtual por telefone, WhatsApp em que ficamos horas e não conseguimos ser atendidos. A Senacon, o Prodecon e o MP deveriam fiscalizar o cumprimento da legislação e serem bem rigorosos com essas empresas que não respeitam os consumidores. E divulgar seus nomes. Empresa que não respeita o consumidor tem de ser denunciada e de amplo conhecimento dos futuros consumidores! Vamos agir? Cumprir a lei.

» **Erica Maria Holanda**
SQN 315



CIDA BARBOSA
cidabarbosa.df@dabr.com.br

Um perigo à espreita

O Brasil está abrindo a porta para que uma doença devastadora volte a vitimar crianças por aqui. A poliomielite é cruel. Além do potencial para deixar meninas e meninos paralisados, pode causar a morte, pois, em sua forma ainda mais grave, paralisa os músculos da respiração. É um mal que não tem cura, mas há como preveni-lo: com vacinação.

E o Brasil era um exemplo mundial de imunização. Era. O país que recebeu, em 1994, o certificado de eliminação da pólio, hoje está entre os seis das Américas com alto risco de reintrodução da doença. O motivo? A baixa cobertura vacinal. É estarecedor como deixamos o posto de uma das referências globais de imunização.

A taxa de vacinação está ládeira abaixo por aqui desde 2013. Em 2012, a cobertura foi de 96,55%, ou seja, acima dos 95% estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde para proteger contra a doença. De lá para cá, porém, a queda tem sido vertiginosa. Em 2021, ficou em 67,71% — considerando as três primeiras doses da vacina, que devem ser aplicadas no primeiro ano de vida da criança.

Um dos motivos para termos baixado a guarda é a percepção de parte da

população de que a paralisia infantil virou coisa do passado. Grave erro. O vírus causador da enfermidade segue em circulação no mundo. Em fevereiro, um caso de pólio foi registrado no Malauí — uma criança de 5 anos. Em Israel, foi detectado no início deste mês, em um paciente de quatro anos.

Também joga a favor da doença a atuação de criminosos que espalham notícias falsas sobre vacinas. Esses sabotadores acabam incutindo dúvidas em pais ou responsáveis a respeito da segurança e da eficácia dos imunizantes. E cadê o governo para combatê-los?

Por falar em gestão pública, temos outro fator a explicar a baixa adesão às vacinas. Não existem mais campanhas massivas, daquelas que ficavam martelando sobre a necessidade de aplicar as doses nas crianças. O Brasil era um país em que, quando havia campanha nacional de imunização, todos ficavam sabendo.

Os novos casos de pólio pelo mundo alertam para a urgência do enfrentamento à baixa cobertura vacinal. Não podemos permitir tamanha ameaça às crianças. A imunização é a arma para protegê-las. Uma prevenção simples e de fácil alcance.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gimenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214.1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uaigiga.com.br. Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 a 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2283-1945; E-mail: sucursalfri@uaigiga.com.br. REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo — Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midabrasilcomunicacao.com.br. Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hrmmultimidia.com.br. Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitto Representações — Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C/2, Jardim Planalto — CEP: 74333-140, Goiânia-GO — Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br. Região Norte - Meio & Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel.: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br.

Endereço na Internet: <http://www.correiowb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 3,00	R\$ 5,00

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R\$ 837,27

360 EDIÇÕES

(promocional)

DIÁRIOS ASSOCIADOS

DA LOG

Agenciamento de Publicidade